

Eixo Temático: Inovação e Sustentabilidade em Diferentes Setores

**ECOTURISMO, PATRIMÔNIO NATURAL E CULTURAL: APONTAMENTOS
PARA O DESENVOLVIMENTO LOCAL NO ALTO CAMAQUÃ/RS**

**ECOTOURISM, NATURAL AND CULTURAL HERITAGE: NOTES FOR LOCAL
DEVELOPMENT IN THE ALTO CAMAQUÃ/RS**

Simone Marafiga Degrandi e Adriano Severo Figueiró

RESUMO

O Ecoturismo é atualmente uma das principais alternativas de desenvolvimento do turismo sobre bases sustentáveis, desempenhando um importante papel no processo de interpretação da paisagem e da Educação Ambiental. Nesse sentido, o presente trabalho discute diferentes possibilidades de aproveitamento do patrimônio natural e cultural de municípios do Alto Camaquã/RS, para o desenvolvimento local através do Ecoturismo. Dentro do contexto do turismo sustentável, o Ecoturismo pode revelar alternativas de complementação de renda para comunidades que residem em locais de rara beleza cênica. Assim, através do Ecoturismo espera-se o desenvolvimento de um projeto de alcance social significativo, que valorize a população, a identidade local e as especificidades naturais da paisagem em estudo, trazendo uma melhoria das condições de vida para as comunidades receptoras.

Palavras-chave: Ecoturismo, Patrimônio Natural, Patrimônio Cultural, Desenvolvimento local, Alto Camaquã.

ABSTRACT

Ecotourism is presently one of the main alternatives of tourism development about sustainable bases, playing an important in the process for interpretation of landscape and Ambient Education. In this sense, this paper discusses different possibilities of benefiting from the natural and cultural heritage of cities of Alto Camaqua / RS, for local development through ecotourism. Within the context of sustainable tourism, ecotourism can reveal alternatives income complementation for communities living in areas rare scenic beauty. Thus, through Ecotourism is expected to develop a significant social outreach project, which enhances the population, local identity and characteristics of the natural landscape in the study, bringing an improvement in living conditions for the host communities.

Keywords: Ecotourism, Natural Heritage Cultural Heritage, Local Development, High Camaqua.

Introdução

A revalorização da natureza, decorrente da difusão do pensamento ambientalista, aliado à degradação das condições de vida nas grandes cidades, vem estimulando o crescimento do Ecoturismo em nível mundial (DEGRANDI, 2011). Essa modalidade de turismo pode ser geralmente descrita como um turismo interpretativo, de mínimo impacto, discreto, em que se busca a conservação, o entendimento e a apreciação do meio ambiente e das culturas visitadas (NEIL; WEARING, 2001). Estes princípios, ligados ao desenvolvimento sustentável do turismo, se relacionam ao aproveitamento do patrimônio natural e cultural de forma responsável, buscando sua proteção por meio da sensibilização, da interpretação e da Educação Ambiental.

É a partir desta perspectiva que o presente trabalho trás algumas reflexões a cerca das diferentes possibilidades de aproveitamento do patrimônio natural e cultural do Alto Camaquã para o desenvolvimento local através do Ecoturismo. O Alto Camaquã localiza-se na Metade Sul do Estado do Rio Grande do Sul, em uma área com características típicas do Bioma Pampa, abrangendo oito municípios gaúchos. Grande parte desta área situa-se no contexto geológico do Escudo Cristalino Sul-rio-grandense e apresenta diversas formações rochosas, que se configuram como importantes atrativos cênicos da paisagem, que conta também, com uma apreciável riqueza histórica e patrimonial.

A interface socioeconômica do Ecoturismo possui importância estratégica para a construção de políticas públicas voltadas desenvolvimento local nos municípios do Alto Camaquã, auxiliando a melhoria da qualidade de vida da população.

Neste sentido, o principal objetivo deste trabalho é apresentar algumas das potencialidades ecoturísticas e discutir o desenvolvimento de atividades que possam promover a valorização e o aproveitamento sustentável do patrimônio natural e cultural. A metodologia adotada para a construção dessa análise parte de revisão bibliográfica sobre os temas em questão e dos trabalhos de campo que geraram grande parte dos dados aqui apresentados e discutidos. Ao final, o Ecoturismo é apresentado como uma importante alternativa para a sustentabilidade ambiental e socioeconômica na gestão do território e na geração de renda.

1. Ecoturismo: princípios e definições

O Ecoturismo configura-se como uma tipologia de turismo relativamente nova, que vem crescendo rapidamente, tendo como principal característica o aproveitamento do patrimônio natural de forma sustentável, buscando sua proteção por meio da sensibilização e da Educação Ambiental (DEGRANDI, 2011).

Faco; Neiman (2010) afirmam que o pioneiro a utilizar a terminologia Ecoturismo foi Ceballos-Laurscuráin, em 1983, definindo-o como uma forma de viagem na qual a presença significativa de elementos paisagísticos naturais é o fator fundamental, sendo, portanto, uma atividade muito importante para a conservação ambiental.

Uma das definições de ecoturismo mais citadas é a do Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR). Para a EMBRATUR (1994, p. 19) o ecoturismo pode ser entendido como:

[...] um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem estar das populações envolvidas.

Em linhas gerais o Ecoturismo pode ser descrito como uma tipologia de turismo voltado à natureza, onde a conservação do patrimônio natural é enaltecida através da promoção de meios interpretativos que orientam este princípio, principalmente através da Educação Ambiental (CHINAGLIA, 2007), incluindo ainda, aspectos socioculturais centrados na valorização do patrimônio cultural das comunidades receptoras.

Ao encontro dos princípios norteadores do Ecoturismo, a interpretação da paisagem assume um papel preponderante. Isso porque ela atua como subsídio imprescindível para as práticas de Educação Ambiental (LIMA, 1998), nos aproximando da natureza e nos confrontando com as práticas predatórias de exploração dos recursos paisagísticos. Durante as experiências recreativas em meio à natureza, a interpretação da paisagem pode nos induzir a novas leituras sobre nós mesmos, modificando nossa conduta frente à conservação dos recursos naturais, encontrando novas e variadas perspectivas de sensibilização e conscientização (LIMA, 1998). Neste sentido, o propósito da interpretação da paisagem, não é apenas a instrução, a transmissão de informações, mas a provocação, o estímulo da curiosidade, a sensibilização do visitante, frente à importância da conservação e valorização das paisagens.

A princípio, o Ecoturismo delimita uma ruptura com as formas tradicionais de visitar a natureza, ao pautar-se pela busca prioritária da conservação dos ecossistemas e pela sustentabilidade da atividade, tomada inclusive, como forma de viabilizar economicamente a própria preservação ecológica (JESUS, 2003). Na verdade, o caráter alternativo do Ecoturismo, representa um contraponto às práticas predatórias identificadas em tipologias do turismo de massa.

O Ecoturismo estabelece inter-relações cada vez mais estreitas com a conservação e a Educação Ambiental do ambiente em que é realizado, embora algumas práticas “vendidas” como ecoturísticas, estejam mais voltadas à exploração econômica dos recursos paisagísticos, do que com a conservação do patrimônio natural e histórico-cultural das áreas visitadas. Todavia, as atividades desenvolvidas sem a adequada preocupação com a conservação e com o sentido da visitação, podem levar em pouco tempo, a degradação e a impactos ambientais irreversíveis.

A princípio, o Ecoturismo não pode ter como prioridade os benefícios econômicos trazidos pela visitação turística, mas sim, se desenvolver colocando os aspectos naturais e culturais em evidência no processo de planejamento e na busca da sustentabilidade. Assim, as modalidades de turismo massificadas, onde os visitantes não estabelecem qualquer relação de interesse e interação com o meio ambiente e com as comunidades locais, se enquadram fora dos princípios propostos pelo Ecoturismo.

2. O Alto Camaquã: localização e características da área de estudo

Os municípios de Caçapava do Sul, Santana da Boa Vista, Piratini, Lavras do Sul, Bagé e Pinheiro Machado, compõem o território conhecido como Alto Camaquã (figura 1) situado na Serra do Sudeste do RS, em área de abrangência do Bioma Pampa. Além destes municípios, uma pequena parcela territorial de Dom Pedrito e Hulha Negra ajudam a compor uma área de 8.300 km², correspondente ao terço superior da Bacia Hidrográfica do Rio Camaquã, que empresta seu nome a esta singular paisagem sul-riograndense.

As atividades econômicas destes municípios se concentram na agropecuária e também na mineração, desenvolvida especificamente nos municípios de Caçapava do Sul, Lavras do Sul e Hulha Negra. A estrutura fundiária e a configuração das propriedades rurais são diversificadas, apresentando grandes propriedades que desenvolvem a pecuária e uma grande

quantidade de pequenas propriedades com criações de gado de corte, ovinos, suínos, aves, gado de leite e também cultivos de milho, inclusive em áreas de assentamento rural.

A fruticultura também vem sendo implantada gradativamente pelos municípios. Quanto a atividades de grande escala pode-se citar a cultura de arroz e soja, que se desenvolve em maior escala nos municípios de Dom Pedrito e Bagé. Ocorrem também, conflitos de uso do solo em função do déficit hídrico em determinadas épocas do ano, pelo uso intensivo na agricultura irrigada e pela introdução dos monocultivos florestais (SEPLAG, 2005a).

Atualmente, alguns municípios do Alto Camaquã vêm apresentando uma crescente expansão das atividades silvícolas. Essa expansão pode colocar em risco a sobrevivência de muitas espécies de importância científica e induzir à perda da identidade local e das potencialidades de uso dos “recursos” naturais para o desenvolvimento territorial sustentável.

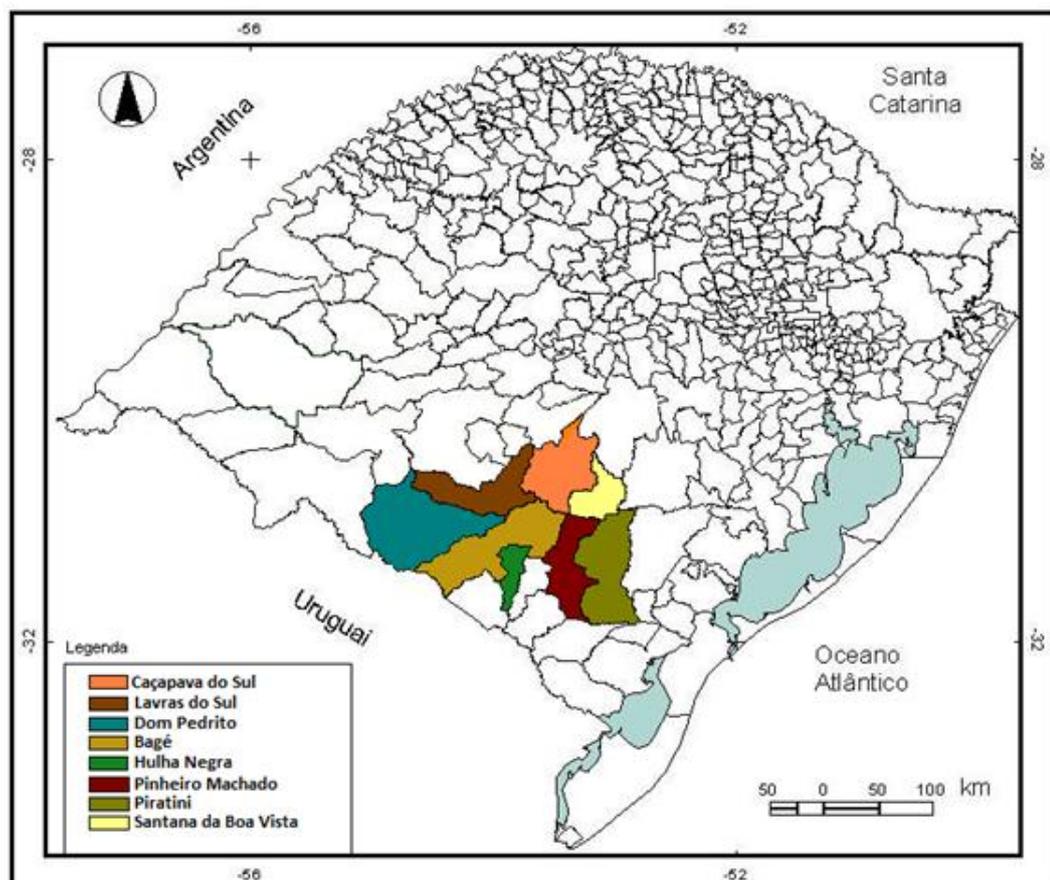


Figura 1 – Mapa de localização dos municípios que compõem o Alto Camaquã/RS.
Fonte – DEGRANDI, S. M. (2011).

Em virtude de sua constituição geológica, o Alto Camaquã apresenta diversas formações geológico-geomorfológicas que despertam interesse turístico e didático-pedagógico dentro das geociências, já que além de serem atrativos cênicos da paisagem, estes afloramentos ajudam a compor a macroestrutura física da paisagem. Além disso, a diversidade cultural e suas manifestações, resultado do processo de ocupação e colonização do território, apresenta potencial para o incremento das atividades ecoturísticas e consequentemente, geração de renda para a população.

3. Patrimônio Natural e Cultural: potencialidades para o desenvolvimento local no Alto Camaquã

3.1. Patrimônio Natural

Os diversos afloramentos rochosos e geoformas presentes, principalmente nos municípios de Caçapava do Sul, Lavras do Sul e Bagé, garantem ao território um potencial ecoturístico especial, com possibilidades de desencadear a conservação da paisagem, através da sensibilização e da interpretação ambiental, promovidas principalmente através das tipologias de turismo de natureza como o Ecoturismo e o Geoturismo. Assim, dentro do patrimônio natural do Alto Camaquã se destacam pontos ecoturísticos como a Casa de Pedra e o Rincão do Inferno em Bagé, a Pedra do Segredo, as Guaritas, as Minas do Camaquã, a Toca das Carretas em Caçapava do Sul, a Praia do Paredão em Lavras do Sul, entre outros.

As Guaritas (figura 2) são formações rochosas que se evidenciam pelo relevo runíforme e pela presença de curiosos conjuntos de torres, expondo afloramentos de rochas sedimentares ordovicianas de origem eólica e fluvial, que fazem parte da denominada Serra do Sudeste. As formas do relevo, caracterizadas pela presença de vários morros isolados, gerados a partir de processos erosivos, formando grutas e abrigos, serviram como lugar de guarda e emboscada durante a Revolução Farroupilha, daí advindo o nome “Pedras das Guaritas” (DEGRANDI, 2011).



Figura 2 – Guaritas, Distrito de Minas do Camaquã em Caçapava do Sul.
Fonte – Trabalho de campo, outubro de 2010 e junho de 2011.

Próximo às Guaritas, também se destaca as Minas do Camaquã (figura 3), um importante sítio geológico-metalogenético que representa um marco da história da mineração de cobre no Brasil (PAIN, 2009).

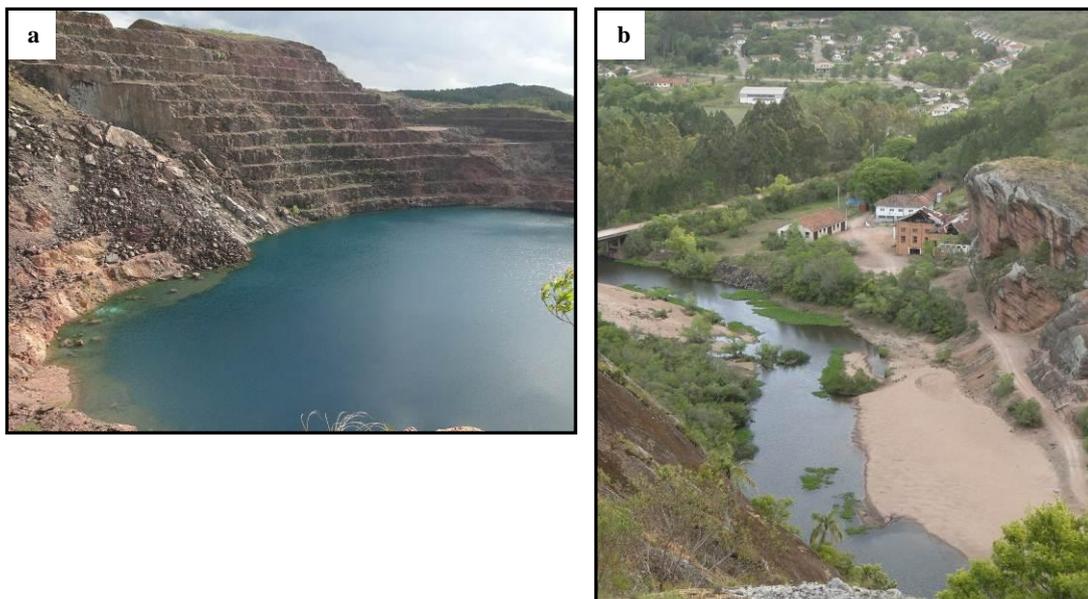


Figura 3 – Minas do Camaquã, Caçapava do Sul: **a)** Mina Uruguai a céu aberto e **b)** vista do alto da Pedra da Cruz para a Vila Minas do Camaquã.

A descoberta do minério de cobre ocorreu em 1865 por mineiros ingleses que garimpavam ouro em Lavras do Sul. A partir da descoberta, estabeleceram-se vários ciclos de exploração do minério de cobre e subprodutos, até que em maio de 1996 ocorreu o esgotamento total das reservas economicamente viáveis conhecidas (DEGRANDI, 2011).

Na Vila Minas do Camaquã se destacam duas importantes geoformas, a Pedra do Engenho e a Pedra da Cruz (figura 4), que oferecem boas condições de acessibilidade para a realização de trilhas e de observação da paisagem local como um todo, além de se constituírem em exemplos didáticos da evolução paleogeográfica das sucessões sedimentares expostas, formadas principalmente por arenitos conglomeráticos e conglomerados alternando-se em camadas pouco espessas de arenitos finos a médios.

A Pedra da Cruz possui camadas inclinadas e representa um exemplo da discordância angular que delinea o contato entre as formações rochosas que se encontram intercaladas de arenitos e conglomerados, formados a partir de depósitos fluviais, deltaicos e marinho raso, desenvolvidos na área (PAIM; LOPES, 2000). Esta geoforma, situada na divisa entre os municípios de Caçapava do Sul e Santana da Boa Vista, é cercada uma “prainha” as margens do Arroio João Dias, visitada por banhistas durante o verão.

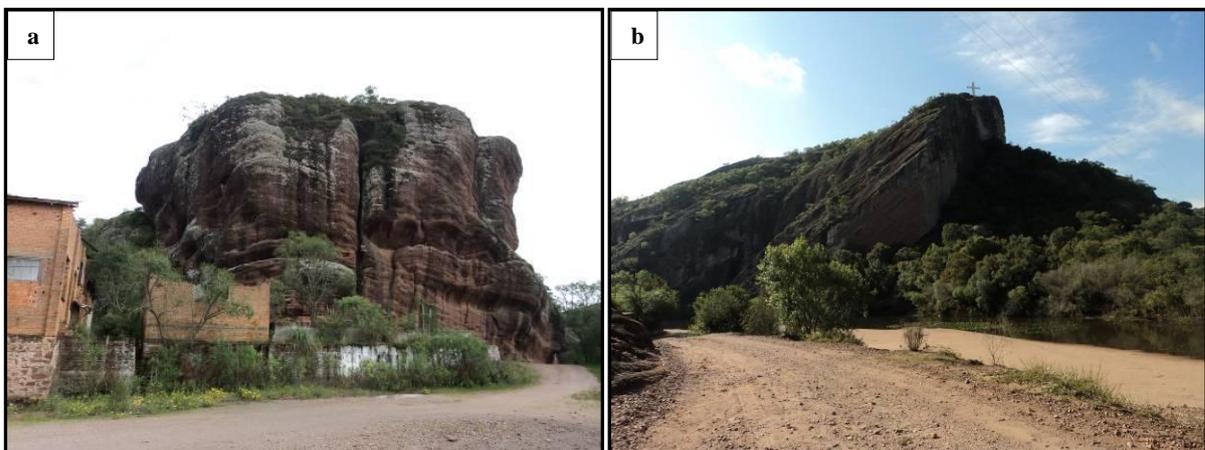


Figura 4 – **a)** Pedra do Engenho; **b)** Pedra da Cruz.
Fonte – Trabalho de campo, outubro de 2010.

Ainda no município de Caçapava do Sul podemos encontrar a Vila do Segredo, onde se destacam diversas geoformas, de origem sedimentar eólica, e também a Toca das Carretas (figura 5). Na Vila do Segredo a geoforma mais conhecida é a Pedra do Segredo (Parque Municipal da Pedra do Segredo), de origem continental, composta por arenitos, conglomerados e siltitos avermelhados, onde ocorrem associações de fácies de leques aluviais, frente deltaica aluvial, lacustre e de canais fluviais entrelaçados, arenosos e cascalhentos (BORBA, 2006).

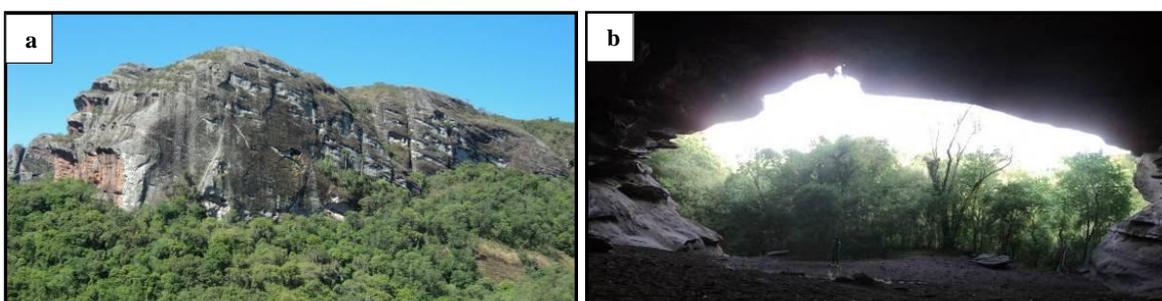


Figura 5 – a) Pedra do Segredo e b) Vista do interior da Toca das Carretas.

Fonte – Trabalho de campo, março de 2011.

Já a Toca das Carretas, localizada em uma propriedade particular, serviu como abrigo natural aos índios Charruas que viviam pelas redondezas de Caçapava do Sul e também como esconderijo e abrigo aos farrapos durante a Revolução Farroupilha. Esta geoforma é na verdade uma caverna “esculpida” em rochas conglomeráticas e areníticas, que apresenta diversas aberturas em forma de “tocas” na porção exterior da cavidade principal, dando nome a todo o local.

No município de Bagé, na localidade de Palmas, se destacam as formações rochosas da Casa de Pedra e do Rincão do Inferno (figura 6). A Casa de Pedra é formada por dois complexos de afloramentos rochosos denominados “Complexo do Pico do Morcego” e “Complexo do Pico do Elefante”, constituídos por formações sedimentares antigas (Neoproterozóicas).

Ritter; Baptista (2005, p. 1) comentam que a denominação Casa de Pedra “parece se referir ao abrigo natural formado por uma gigantesca pedra que se desprendeu do conjunto, mas é usada, por extensão, a todo o conjunto de elevações erodidas que formam esta singular paisagem”.

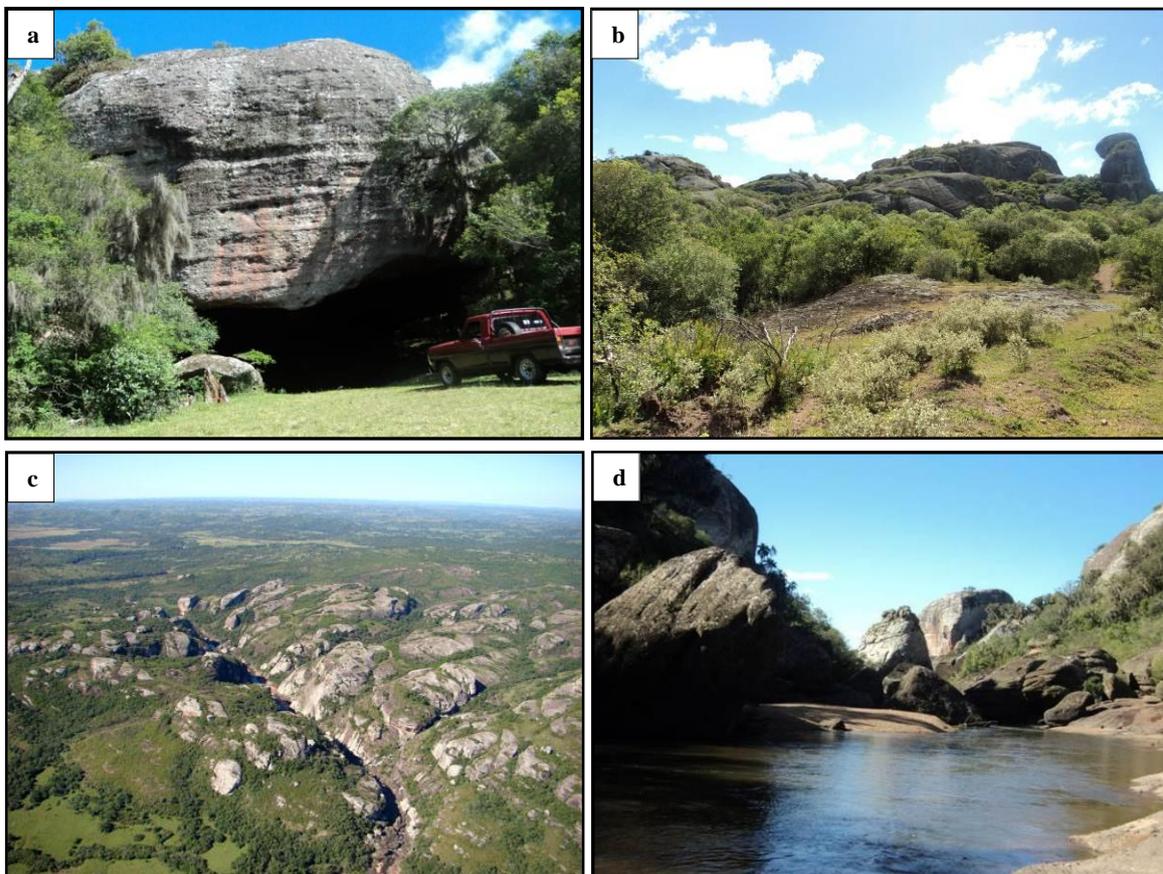


Figura 6 – a) Casa de Pedra; b) Destaque da Casa de Pedra, Pico do Morcego; c) Vista aérea do Rincão do Inferno (disponível em: <<http://mercadoetico.terra.com.br/arquivo/conexao-pela-biodiversidade>>); d) Rincão do Inferno, Rio Camaquã.

Fonte – Trabalho de campo, novembro de 2010 e abril de 2011.

A singular paisagem do Rincão do Inferno é formada por afloramentos rochosos do Período Pré-cambriano, constituídos por conglomerados e arenitos que se estendem por mais de dois quilômetros. A denominação hostil que o local recebeu, em função das adversidades para se viver nada tem haver com a beleza paisagística e a diversidade natural que o local apresenta. O Rincão do Inferno é na verdade uma extensa área de afloramentos e paredes abruptos que se estendem em torno do Rio Camaquã, cercados por uma vegetação composta por um mosaico campo-floresta, habitada por uma pequena população de remanescentes quilombolas. O deslocamento de enormes blocos de pedra sujeitos a um processo de desagregação de milhões de anos e que construíram fendas, furnas, abrigos das mais estranhas formas e a ação pluvial e eólica foi descarnando o rochedo compacto, esculpindo diferentes figuras e formas (TEIXEIRA, 1992).

Em Lavras do Sul possui maior destaque o Balneário do Paredão (figura 7) assentado sobre o Granito Lavras do Sul ou Complexo Granítico Jaguari – Lavras do Sul (IBGE, 1986). O Balneário do Paredão abriga o Camping Municipal Zeferino Teixeira e está localizado às margens do Arroio das Lavras que passa pelo perímetro urbano, abrangendo uma área de 3 ha de extensão. O local é um dos mais importantes atrativos de Lavras do Sul e durante o verão recebe banhistas de cidades vizinhas que chegam a Lavras para aproveitar as férias e o Carnaval.



Figura 7 – Balneário do Paredão (Camping Zeferino Teixeira), Lavras do Sul.

Fonte – Trabalho de campo, novembro de (2010).

3.2. O Patrimônio Cultural

No RS o Bioma Pampa e a produção pecuária extensiva, o modo de vida do gaúcho e seu vínculo com a terra, refletem uma síntese de ralações entre os elementos da paisagem e os fatores históricos, culturais, políticos e demográficos (PDE, 2011), que ajudaram a forjar a cultura sul-riograndense. Assim, as manifestações culturais do Alto Camaquã, inserido no Pampa gaúcho, estão intimamente influenciadas, tanto pela paisagem, quanto pelas atividades econômicas desenvolvidas, como a pecuária, a agricultura, pelo saber local e pela influência advinda de diferentes etnias e do processo de colonização.

A partir dessas características, os municípios do Alto Camaquã possuem uma riqueza cultural manifestada tanto em bens materiais como imateriais que demonstram características

sociais e traços da memória coletiva, que fazem parte da identidade cultural do povo gaúcho. Assim, dentro do patrimônio cultural se destacam principalmente artesanatos em lã, madeira e couro, o patrimônio histórico-arquitetônico ligado à ocupação territorial, as comidas típicas, a música, a poesia, entre outros.

Em lavras do Sul a produção de artesanato é criada principalmente a partir da utilização da lã ovina (figura 8) e possui uma forma de produção artesanal que vai desde a esquilagem da lã até a lavagem, tintura e tecelagem para a confecção de peças de roupa e objetos para a decoração de ambientes. Entre as produções organizadas em pequenos grupos ou em agroindústrias, se destaca o projeto gastronômico Sabor da Terra (figura 8), que prepara o café campeiro, tradicionalmente oferecido em hotéis-fazenda e eventos especiais do município. Na Praça das Bandeiras, no centro municipal existe um quiosque para comercialização de produtos gastronômicos típicos do campo e de produtos orgânicos da agricultura familiar. São vendidos pães, licores, geleias, queijos, doces caseiros, entre outros produtos.



Figura 8 – a) Peças confeccionadas em lã, pelo Grupo de Artesanato em Lã Ovina da Tecelagem Lavrense, expostos na Expolavras 2010; b) Projeto Gastronômico Sabor da Terra, na Expolavras 2010.

Fonte – Trabalho de campo, novembro de 2010.

Em Caçapava do Sul o Forte D. Pedro II (figura 9), localizado no centro da cidade, se constitui no principal ponto turístico. O Forte foi construído em função da temida, porém não concretizada, invasão do ditador argentino Rosas ao Brasil em meados do século XIX. O forte começou a ser construído em 1848 e apresenta a forma de um polígono hexagonal com uma área de aproximadamente 19.000 m², onde caberiam 20 mil homens.

A construção do Forte contou com o abastecimento de água de uma fonte, localizada na Praça Dr. Rubens da Rosa Guedes, que abastecia a população local. A Fonte do Conselheiro (figura 9) como é conhecida, também forneceu água para a construção da Igreja Matriz, e encontra-se preservada.

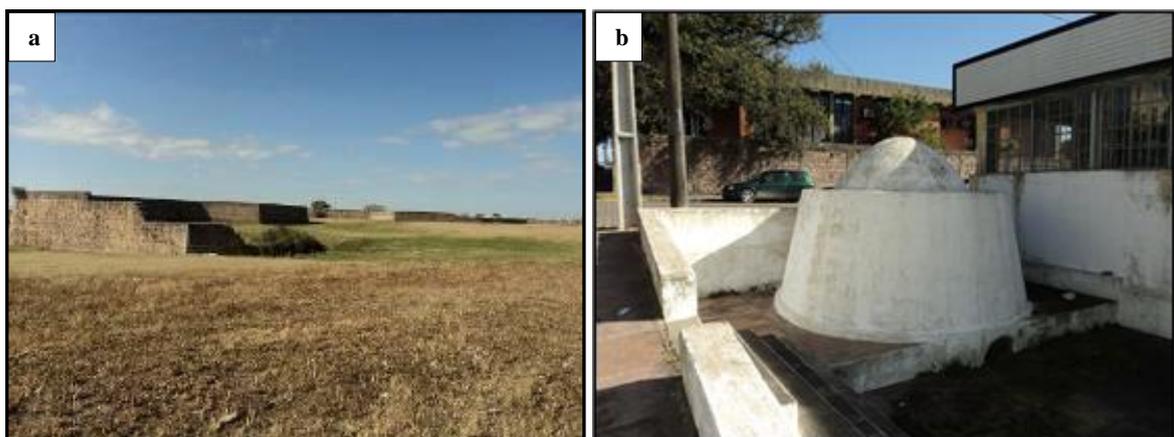


Figura 9 – a) Forte D. Pedro II; b) Fonte do Conselheiro, em Caçapava do Sul.
 Fonte – Trabalho de campo, junho de 2011.

Além do patrimônio edificado da parte central de Caçapava do Sul o antigo distrito mineiro Minas do Camaquã (figura 10), é um importante sítio a ser preservado. A vila e suas edificações, os equipamentos, as minas atualmente desativadas “contam” parte da história de um importante ciclo da economia caçapavana, bem como da história da mineração no Brasil. As atividades mineiras se encerraram em 1996, e hoje os vestígios e impactos da mineração do cobre e subprodutos estão por toda parte. Apesar do potencial natural e cultural existente e da infraestrutura disponível, o poder público e os agentes locais parecem ignorar o valor histórico e o potencial turístico deste sítio, deixando seu patrimônio histórico, praticamente abandonado.



Figura 10 – Vila Minas do Camaquã, em Caçapava do Sul: a) Sede da antiga Fazenda João Dias; b) Maquinário utilizado para o transporte de minérios explorados nas Minas do Camaquã; c) Cine Rodeio (antigo cinema) e d) Entrada da Mina Santa Maria, atualmente desativada.
 Fonte – Trabalho de campo, outubro (2010).

Em Caçapava do Sul, a comunidade conta com um espaço para a divulgação e comercialização de seus produtos, denominado Feira Municipal de Artesanato e Produtos (FEMAPRO), mantido pela Prefeitura Municipal. Alguns produtores comercializam compotas, doces em calda, figada, vinho de laranja, licores e mel, produzidos em suas propriedades e outros comercializam souvenirs com imagens dos pontos turísticos do município e artigos de artesanato em lã (figura 11).

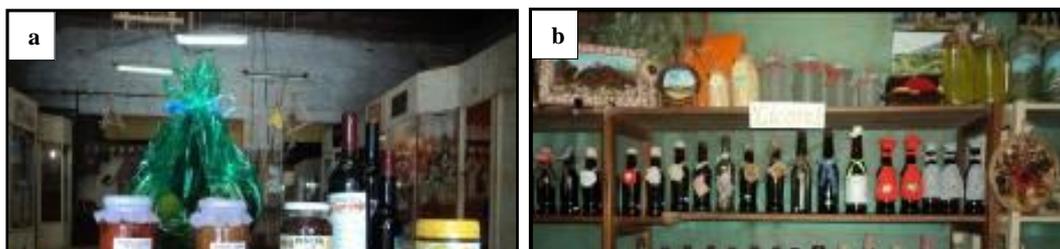


Figura 11 – Produtos expostos na FEMAPRO, em Caçapava do Sul.
Fonte – Trabalho de campo, outubro (2010).

Em Bagé a produção dos artesãos e artistas plásticos possui um espaço de divulgação, mantido pela Prefeitura Municipal com apoio da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Turismo, denominado Casa do Artesanato (figura 12) que conta com mais de quinhentos artesãos que expõem seus trabalhos sem nenhum custo.

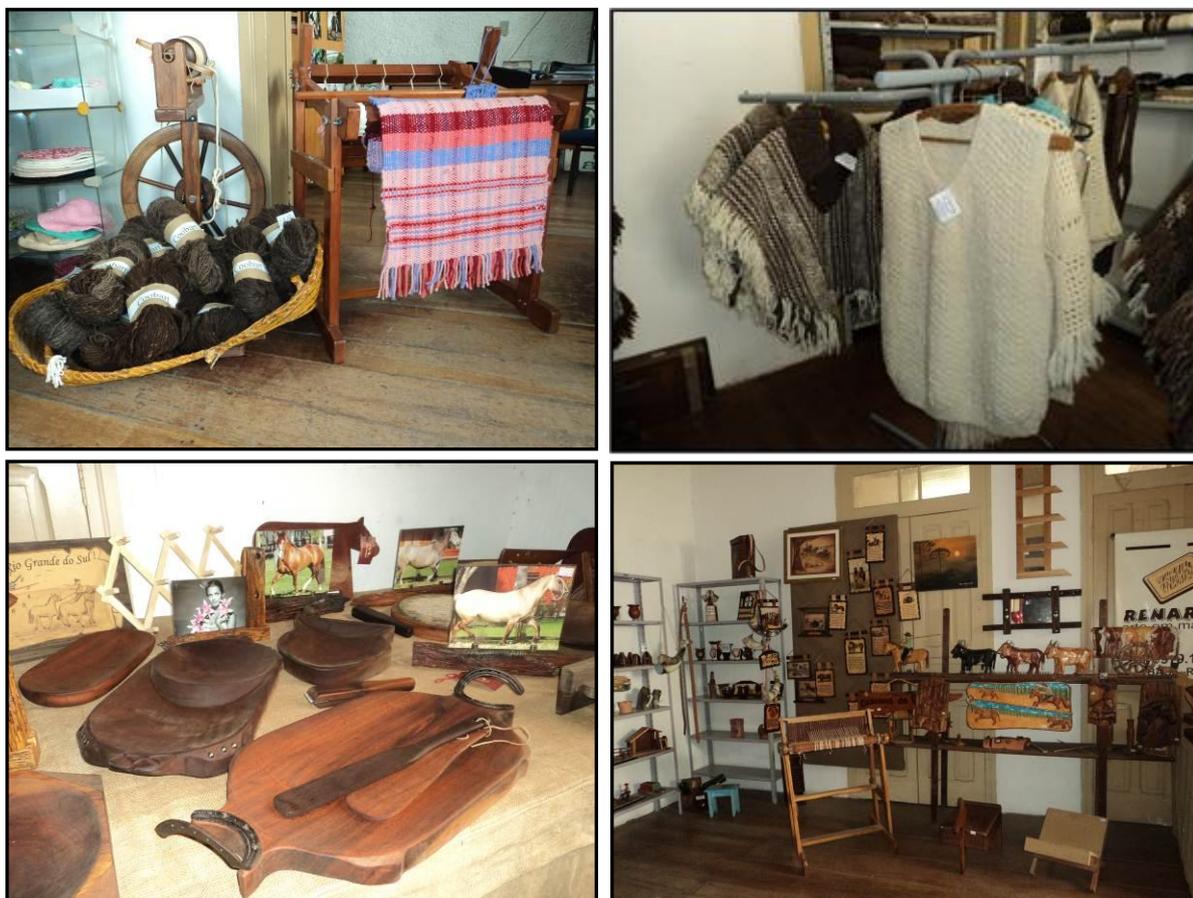


Figura 12 – Artesanatos da Casa do Artesanato e da COOBARTE, em Bagé.
Fonte – Trabalho de campo, abril de 2011.

Neste espaço podemos encontrar variadas peças de decoração, utensílios e souvenirs que retratam o cotidiano e os costumes, desde utensílios para a cozinha até peças do vestuário rústico campeiro, confeccionadas em lã pura. Além da Casa do Artesanato, no mesmo espaço de divulgação, há uma sala para exposição e comercialização de peças produzidas pela Cooperativa Bageense de Artesãos (COOBARTE), fundada em 1989.

A COOBARTE, trabalha na confecção de peças em um processo onde a lã é cardada e logo após transformada em fio na roca, para depois ser lavada e tingida em um processo natural com folhas, cascas, ervas e outros corantes, para depois ser finalmente tecida com a utilização de teares ou agulhas de crochê e tricô. Os principais produtos, confeccionados em lã pela COOBARTE são ponchos, cobertas, tapetes, casacos, blusões, mantas, boinas e luvas.

Bagé possui um grande número de palacetes e prédios históricos, construídos em meados do século XIX e início do XX como, por exemplo, os prédios que abrigam hoje o Museu Dom Diogo de Sousa, o prédio da Administração Central (antiga Estação Ferroviária de Bagé), a Igreja Matriz de São Sebastião e a Igreja Nossa Senhora Auxiliadora (figura 13), entre outros.



Figura 13 – Exemplos de prédios históricos em Bagé: a) Museu Dom Diego de Souza; b) Antiga estação Férrea de Bagé; c) Igreja Matriz de São Sebastião e d) Igreja Nossa Senhora Auxiliadora.

Fonte – Trabalho de campo, abril de 2011.

Os municípios do Alto Camaquã contam com uma grande quantidade de prédios históricos interessantes para visitação turística. Alguns desses prédios são inclusive tombados pelo Instituto de Patrimônio Histórico Artístico Estadual (IPHAE), órgão responsável pela

proteção e pelo tombamento do Patrimônio Cultural gaúcho. Com base em dados fornecidos na página de internet do IPHAE, podemos observar, através do quadro 1, uma relação dos bens tombados nos municípios que compõem o Alto Camaquã.

Quadro 1 –
tombados
IPHAE no
Camaquã.
Fonte –

Bens Tombados nos Municípios em Estudo		
Bens	Município	Órgão
Palacete Pedro Osório	Bagé	IPHAE
Antiga Estação Ferroviária	Bagé	IPHAE
Hidráulica de Bagé	Bagé	IPHAE
Igreja Matriz de São Sebastião	Bagé	IPHAN
Fundações do Forte Santa Tecla	Bagé	IPHAN
Forte D. Pedro II	Caçapava do Sul	IPHAN
Casa de Antônio Augusto Borges de Medeiros	Caçapava do Sul	IPHAE
Casa de Ulhôa Cintra (Casa dos Ministérios)	Caçapava do Sul	IPHAE
Fórum	Caçapava do Sul	IPHAE
Igreja Matriz Nossa Senhora da Assunção	Caçapava do Sul	IPHAE
Caixa d' Água	Dom Pedrito	IPHAE
Prefeitura Municipal	Dom Pedrito	IPHAE

Bens
pelo
Alto

DEGRANDI, 2011.

Atenta-se para o rico conjunto de referências locais que necessitam ser identificados para o planejamento de ações de salvaguarda e valorização do rico Patrimônio Cultural do Alto Camaquã, podendo contribuir para o desenvolvimento territorial endógeno, baseado no capital social e no aproveitamento sustentável dos saberes tradicionais das comunidades que habitam este território. Os municípios que compõem a área de estudo possuem particularidades socioeconômicas e culturais que garantem ao território um potencial endógeno especial, que pode ser aproveitado para o desenvolvimento de atividades ecoturísticas (DEGRANDI, 2011).

3.3 Apontamentos para o desenvolvimento local através do Ecoturismo

A configuração da paisagem do Alto Camaquã, marcada pela presença de afloramentos rochosos e áreas de relevo ondulado a fortemente ondulado, conferiu ao território grandes restrições ao uso agrícola (NESKE, 2009). Dada esta resistência natural da paisagem ao processo de modernização e tecnificação da agricultura e da pecuária familiar, este território se definiu historicamente por um modelo econômico de exclusão das redes globais de mercado. A pecuária familiar local ficou à margem da modernização devido à inadequação tecnológica representada pelo pouco uso de insumos químicos e à baixa mecanização (BORBA, 2002).

Por outro lado a paisagem, a fauna, a flora e a cultura foram conservadas, e o homem que ocupou a região desenvolveu formas de produção ambientalmente dependentes, integrando a criação de bovinos, ovinos e caprinos sobre campo nativo, de forma sustentável e preservando a configuração da paisagem local. Esta condição tem, atualmente, o potencial de alavancar uma outra forma de desenvolvimento, voltada para o capital natural da região e, ao mesmo tempo, garantindo a melhoria da qualidade de vida da população por meio de um ordenamento territorial que assegure a perpetuação desta condição.

Neste sentido, o Ecoturismo desponta como uma das alternativas de desenvolvimento sustentável para os municípios do Alto Camaquã, já que além de promover a valorização da

paisagem, atua como uma alternativa coerente de geração de renda aliada a conservação das características ambientais do território.

A realização de trilhas, cavalgadas, observação da paisagem, observações de aves, canoagem, entre outras atividades, são exemplos de iniciativas que podem ser desenvolvidas dentro dos princípios do Ecoturismo, incluindo a conscientização e a sensibilização em relação à conservação da natureza, por meio da Educação Ambiental no Alto Camaquã.

Neste sentido, destaca-se que a grande maioria dos pontos naturais de interesse para o Ecoturismo estão localizados em propriedades particulares que realizam a agropecuária como principal atividade econômica. A única exceção é o Parque Municipal da Pedra do Segredo, que se constitui em uma das únicas áreas de proteção, estabelecidas por lei, para o conjunto de afloramentos rochosos encontrados no Alto Camaquã. Neste Parque, as visitas podem ser agendadas com guias que realizam trilhas e desenvolvem projetos educacionais em parceria com escolas do município (DEGRANDI, 2011).

A realização de trilhas em meio aos afloramentos rochosos é a principal atividade, seguida das atividades de escalada, rapel e montanhismo, praticadas por turistas de todo o RS que procuram os paredões de rochas conglomerática e a beleza cênica da paisagem como forma de contato com a natureza. Neste caso os principais pontos ecoturísticos procurados são as formações rochosas da Casa de Pedra e da Vila do Segredo.

Alguns municípios do Alto Camaquã, a exemplo de Lavras do Sul, Bagé e Caçapava do Sul, vêm trabalhando na elaboração de roteiros ecoturísticos oficiais para a realização de visitas aos pontos turísticos. Até o momento a visitação é realizada por intermédio dos proprietários que residem próximo aos afloramentos rochosos, por associações de moradores (caso das Guaritas) ou por intermédio das prefeituras municipais.

A produção de artesanatos, principalmente em lã, madeira e couro, inspirada na paisagem local e nos recursos disponíveis, é encontrada em determinados pontos de comercialização nos centros municipais; entretanto, as comunidades que vivem próximo aos afloramentos rochosos levantados durante a pesquisa, também desenvolvem trabalhos manuais (artesanatos) que poderiam ser comercializados como forma de complementação da renda familiar.

Outra possível alternativa, capaz de minimizar os impactos do incremento do turismo e evitar o desperdício com investimentos vultosos, pode ser a adoção de perspectivas de aproveitamento da infraestrutura local que se encontra subaproveitada ou não utilizada. Nas Minas do Camaquã, alguns prédios utilizados durante o período em que as minas de cobre estavam em atividade foram adaptados, e hoje servem como hotel e restaurante, porém, existem muitos outros espaços físicos subaproveitados que necessitam de revitalização e reparos, que poderiam ser rededicados para as mais diversas atividades ligadas ao desenvolvimento do turismo.

No interior dos municípios são necessárias novas perspectivas para a reconversão das velhas edificações que se encontram abandonadas e que se constituem em boas alternativas para áreas de hospedagem, alimentação, recreação e lazer, assim como para a criação de centros de visitação e interpretação ambiental. A utilização da infraestrutura já existente, através da adaptação e revitalização das edificações antigas, pode representar menores investimentos e menos tempo gasto com o preparo das estruturas, permitindo retorno financeiro a população local (DEGRANDI, 2011).

Conforme destaca Borba (2002) o Alto Camaquã deve ser entendido como um território, um espaço diferenciado, que possui características socioculturais, ecológicas, históricas e econômicas muito particulares, formadas na coevolução entre humanos e natureza na busca por estratégias regionais de reprodução social e econômica.

Para que seja possível “enxergarmos” as potencialidades naturais e culturais é necessária a integração de forças dos mais diferentes setores da sociedade, em prol

desenvolvimento sustentável, como forma de alavancar outras alternativas produtivas para os municípios. Para isso, é essencial a articulação entre atores locais, universidades, investidores do setor privado e políticas públicas, tanto de proteção da paisagem quanto para o desenvolvimento de novas alternativas de desenvolvimento, não apenas econômico mas também social.

5-Considerações Finais

O presente trabalho buscou revelar as potencialidades ecoturísticas do Alto Camaquã e algumas formas alternativas de desenvolvimento local, despertando os potenciais para a criação de riquezas assentadas no aproveitamento do patrimônio natural e histórico-cultural, sobre bases sustentáveis, que podem levar à construção de um outro modelo de (des)envolvimento que, todavia, precisará estar fundamentado a partir de políticas públicas que valorizem a preservação da identidade local.

Assim, as manifestações culturais do Alto Camaquã expressas principalmente através do artesanato, da música, da poesia, da gastronomia, entre outras, estão intimamente influenciadas pela paisagem e pelas atividades econômicas desenvolvidas como a pecuária, a agricultura e pelo saber fazer local.

Neste sentido, o desenvolvimento do Ecoturismo em áreas com grande potencial paisagístico, como é o caso do Alto Camaquã, pode ser uma ferramenta valiosa para o desenvolvimento local, na medida em que promove a conservação do patrimônio natural e o aproveitamento econômico das potencialidades culturais pela população local.

Além da procura por paisagens de grande beleza cênica, o interesse pelo patrimônio histórico-cultural das comunidades é outro ponto-chave na busca por roteiros ecoturísticos. Neste sentido, destaca-se que grande parte dos ecoturistas possui interesse em conhecer a cultura e o modo de vida das comunidades que visita, as edificações históricas, a religiosidade, o artesanato, a culinária típica, entre outras características.

Esta valorização dos saberes tradicionais, da cultura, da paisagem como um todo, pode servir de referência aos programas de ordenamento territorial e de desenvolvimento local integrado, atuando em sintonia com os princípios do Ecoturismo e com outras proposta de proteção das particularidades da paisagem.

6-Referências

BORBA, M. **La Marginalid como potencial para la construcción de otro "Desarrollo"**: El caso de Santana da Boa Vista, Rio Grande do Sul, Brasil. Doutorado em Sociologia, Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável, na Universidad de Córdoba, em 2002.

BORBA, A. W. **Evolução geológica da “Bacia do Camaquã” (Neoproterozóico e Paleozóico Inferior do Escudo sul-rio-grandense, RS, Brasil)**: uma visão com base na integração de ferramentas de estratigrafia, petrografia e geologia isotópica. 2006. 121f. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do sul – Departamento de Geociências. Porto Alegre, 2006.

CEBALLOS-LASCURÁIN, H. **O ecoturismo como um Fenômeno Mundial**. 2 ed. São Paulo: Editora SENAC, 1999. In: LINDBERG, K.; HAWKINS, D. E. Ecoturismo: um guia de planejamento e gestão. Tradução de Leila Cristina M. Darin. 2 ed. São Paulo: Editora SENAC, (p. 23- 29), 1999.

CHINAGLIA, C. R. **Desenvolvimento Sustentável, Participação e Ecoturismo**. São Paulo: RiMa, 2007. In: CASTELLANO, E. G.; FIGUEIREDO, R. A. de; CARVALHO, C. L. de. (Eco) Turismo e Educação Ambiental: diálogo e prática interdisciplinar. São Paulo: RiMa, (p. 51- 65), 2007.

DEGRANDI, S. M.; FIGUEIRÓ, A. S. Ecoturismo e Conservação do Patrimônio Natural: um caminho para o (des)envolvimento?. **Revista Geografia, Ensino & Pesquisa**. Santa Maria, v. 14, nº 1, p.67-76, 2010. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistageografia/index.php/revistageografia>>.

DEGRANDI, S. M. **Ecoturismo e Interpretação da Paisagem no Alto Camaquã/RS: uma alternativa para o (des)envolvimento local**. Dissertação de Mestrado. Santa Maria: Programa de Pós-graduação em Geografia e Geociências (PPGGeo), Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, 2011.

EMBRATUR. Instituto Brasileiro de Turismo. **Diretrizes para uma política nacional de ecoturismo**. Grupo de trabalho interministerial. Brasília, DF: MICT/MMA, 1994. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br>>.

FACO, R. A.; NEIMAM, Z. **A natureza do Ecoturismo: conceitos e segmentação**. São Paulo: Manole, 2010. In: NEIMAM, Z. ; RABINOVICI, A. (Org.). Turismo e Meio Ambiente no Brasil. São Paulo: Manole, (p. 43-62), 2010.

GUIMARÃES, S. T. de L. **Trilhas interpretativas e vivências na Natureza: aspectos relacionados à percepção e interpretação da paisagem**. Caderno de Geografia, v. 20, nº. 33, (p. 8-19), 2010. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/geografia/article/viewFile/1940/2117>>.

IBGE. **Folha SH. 22 Porto Alegre e parte das folhas SH. 21 e SI. 22 Lagoa Mirim: geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação, uso potencial da terra**. Rio de Janeiro: IBGE, 1986. (Levantamento de recursos naturais, v.33).

JESUS, G. M. de. **A leviana territorialidade dos esportes de aventura: um desafio à gestão do ecoturismo**. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. (Orgs.). Turismo, Lazer e Natureza. São Paulo: Manole, 2003.

PDE. **Plano de Desenvolvimento Econômico/Prefeitura Municipal de Bagé**. Bagé: Ediurcamp, 2011.

PAIM, P. S. G; LOPES, R. C. **Geologia da Região das Minas do Camaquã**. In: RONCHI, L. H.; LOBATO, A. O. C. (Org.) Minas do Camaquã, um estudo multidisciplinar. São Leopoldo: UNISSINOS, (p. 111- 132), 2000.

PAIM, P. S. G. **Minas do Camaquã, RS – marco da história da mineração de cobre no Brasil**. Sítios Publicados, v. I, SIGEP, 2009. Disponível em: <<http://www.ig.unb.br/sigep/sitio064/sitio064.pdf>>.

RITTER, M. R.; BAPTISTA, L. R. M. de. Levantamento florístico da família Asteraceae na “Casa de Pedra” e áreas adjacentes, Bagé, Rio Grande do Sul. **IHERINGIA**, Sér. Bot., Porto

Alegre, v. 60, nº. 1, p. 5-10, jan./jun. 2005. Disponível em:
<<http://www.fzb.rs.gov.br/publicacoes/iheringia-botanica/Ih60p5-10.pdf>>.

SEPLAG. Secretária de Planejamento e Gestão do Rio Grande do Sul. **Relatório de Viagens. Estado do Rio Grande do Sul, Secretaria de Planejamento e Gestão**, 2005a. Disponível em: <<http://www.seplag.rs.gov.br>>.

TEIXEIRA, E. **Lavras do Sul**: na Batéia do Tempo. V. 1. Lavras do Sul: s.n, 1992.

WEARING, S.; NEIL, J. **Ecoturismo**: impactos, potencialidades e possibilidades. São Paulo: Editora Manole, 2001.